

ADÉLIA PRADO E A POÉTICA DO SAGRADO

GILDA NEVES DA SILVA BITTENCOURT

A poesia de Adélia Prado tem sido reconhecida como portadora de uma dicção marcadamente feminina, talvez a mais feminina que tenha surgido no Brasil nas últimas décadas, expressando, com um vigor extraordinário que emana de seus versos repletos de sensibilidade e emoção, as experiências quotidianas da mulher, uma espécie, segundo Adélia, “ainda envergonhada”, conforme diz no primeiro poema de seu livro de estréia *Bagagem* (1976) intitulado “Com licença poética”.

Ao tentar exorcizar esta vergonha, revelando verdades que estão no âmago da alma feminina, secularmente reprimidas, é que seus versos assumem esta feição diferenciada, distante de um lirismo abstrato, espiritual, etéreo, melancólico e reminescente que caracterizou a criação poética da mulher até então, tomando como paradigma a poesia de Cecília Meireles, considerada a voz mais feminina da literatura modernista brasileira.

Este tom desavergonhado, que rompeu com a fala tradicional das mulheres, chamou logo a atenção da Crítica, que se manifestou através de um de seus representantes mais eminentes em matéria poética — Drummond — que dedicou a Adélia uma crônica, avalizando este novo lirismo, surgido na, até então, obscura cidade de Divinópolis, no interior mineiro.

A obra de Adélia Prado é essencialmente poética, embora nem toda constituída de poemas, os três livros de prosa que escreveu são, na verdade, prosa poética onde predominam a subjetividade e a presença de um “eu” manifestando uma experiência de vida particular, profundamente marcada pela emoção e pelo sentimento. Por outro lado, muitos de seus poemas aproximam-se da prosa, pelo seu tom coloquial e narrativo e pela ausência de procedimentos considerados poéticos como a rima, o ritmo marcado, a ênfase na sonoridade e as demais “equivalências” que, segundo R. Jakobson, caracterizam a *função poética*. Todavia, tanto na prosa poética como no poema prosificado, perpassa um lirismo imediatamente identificado, mostrando que Adélia faz poesia sob as formas mais variadas e que seu estro poético suplanta o de prosador.

É através desse lirismo substancial que ela nos fala de sua experiência de “estar no mundo”, onde se incluem as trivialidades do quotidiano, as suas tarefas de dona-de-casa mineira, os “fuxicos” com a vizinhança, a vida em família (o marido, os filhos, o cachorro), seus anseios de mulher, as lembranças dos pais mortos, os rituais e hábitos religiosos, ao lado de questionamentos mais profundos sobre o sentido da vida, da morte, e a presença de Deus.

GILDA N. DA SILVA BITTENCOURT é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Toda a sua poesia é um constante manifestar de um sentimento dúbio de prazer e angústia de viver, como se o “eu poético” assimilasse, no ato da criação, as forças da natureza em seus aspectos benéficos e maléficos.

Quero o que antes da vida
foi o profundo sono das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.
 (“Exausto”, em *Bagagem*)¹

Este vigor vital que emerge da *poiesis* de Adélia liga-se ao ciclo reprodutivo da natureza, imprimindo uma força telúrica e uma sensualidade ímpares em seus versos, deixando todos os sentidos alertas, prontos a explodirem em palavras, deixando brotar e fazendo vir à luz aquilo que cresce interiormente, ou jaz em estado embrionário, prestes a manifestar-se:

Meu coração bate desamparado
onde minhas pernas se juntam
Seivas, vergônteadas, virgens,
tépidos músculos
que sob as roupas rebelam-se.
 (“Lembranças de maio”, em *Terra de Santa Cruz*)

A relativa freqüência com que a poesia de Adélia deixa transparecer a sensualidade e o erotismo, falando sem pejo dos anseios do corpo, dos desejos da fêmea pelo seu macho, desvela algo, até há bem pouco, considerado proibido e vedado às mulheres — referir-se ao sexo como uma necessidade natural, saudável e integrante da condição feminina. Ao tomar a eroticidade da mulher como tema poético, Adélia propõe-se a romper barreiras, a inaugurar uma linguagem inovadora, a escrever um discurso marcadamente feminino.

a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura,
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes,
em carne de amor, a fruta.
 (“A maçã no escuro”, em *Coração disparado*)³

A criação da atmosfera sensual e tépida, no entanto, não se deve apenas às referências explícitas ou às alusões ao desejo sexual, mas faz-se também pela manifestação de uma sensibilidade extrema, de uma percepção fina para as coisas circundantes, como se todos os sentidos da poeta estivessem alertas, prontos a reagirem poeticamente ao mundo, numa relação muito íntima com a natureza. Ao fazer-se integrante dela, como acontece seguidamente, o “eu poético” transfigura-se, assume o seu ritmo, as suas formas, deixa-se levar não mais pela razão, mas pelo instinto, pela animalidade, pelo irracional.

¹PRADO, Adélia. *Bagagem*, 2.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1979. p.35.
²Id., 1981. p.37. *Terra de Santa Cruz*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
³Id., *Coração disparado*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978. p.60.

Talvez por isso mesmo os versos de Adélia apresentem-se, muitas vezes, num estilo fragmentário, numa seqüência desordenada e ilógica de palavras, como se o seu elo de ligação pertencesse à esfera das emoções ou do puro sentido, ou mesmo dos sonhos.

Existe mesmo o Japão?

E um país que não conheço, com seu litoral deserto?

Entre as coxas é público. Público e óbvio.

Quero é teu coração, o fundo dos teus dois olhos
que só faltam falar.

Mira-me en español pra ver se não estalo os dedos
e saio dançando em vermelho.

("Cacos para um vitral", em *Terra de Santa Cruz*)⁴

Esta regressão a um estado pré-racional implica, naturalmente, uma concepção mítica da realidade, que animiza e personifica os elementos da natureza ou então materializa o abstrato, processo muito freqüente em seus versos; até mesmo a relação entre a palavra e a coisa adquire um sentido mágico na poesia de Adélia, fazendo com que uma se transforme na outra. E a poesia é o lugar sagrado onde acontece esta magia, nela é que se dá a fixação das coisas pelas palavras, vivificando-as, presentificando-as e, simultaneamente, eternizando-as, tal como acontece nos versos de "Rosa mística" de *O pelicano*:

Entendi que as palavras
daquele modo agrupadas
dispensavam as coisas sobre as quais versavam,
meu próprio pai voltava, indestrutível.⁵

Entender esta relação é começar a desvendar a poética de Adélia tal como se evidencia ao longo de toda a obra, em poemas inteiros ou em versos esparsos: o fazer poético está vinculado estreitamente ao sagrado. O poetizar, para ela, é "mercê de Deus", por isso, a poesia não é feita para se entender com a razão, ela existe como algo que brota espontaneamente, tal como um suspiro, um grito de espanto, uma exclamação, um instante de contemplação. Poesia é para ser sentida, para ser exalada pelos poros, é uma expressão puramente natural. O ímpeto que leva à criação poética é o mesmo que leva a orar; estar poetizada, para Adélia, equivale a um estado de êxtase místico.

Uma noite dessas, antes de me deitar
vi — como vi o navio — um sentimento.
Travada de interjeições, mutismos,
vocativos supremos balbuciei:
Ó tu! e Ó vós!
— a garganta doendo por chorar —
Me ocorreu que na escuridão da noite
eu estava poetizada,
um desejo supremo me queria. (*O pelicano*)⁶

⁴Op. cit. p.21.

⁵Id. *O Pelicano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. p.18.

⁶Id. Ibid. p.67.

A ligação entre poesia e religião é antiga e tem sido retomada de tempos em tempos, comprovando assim suas inegáveis afinidades. Octávio Paz em *O arco e a lira* analisa a questão de modo bastante esclarecedor; embora assinala que a criação poética só pode ser compreendida por si mesma e em si mesma, reconhece, no entanto, que o ato poético se insere na zona do sagrado e que ambos, poesia e religião, brotam da mesma fonte. Para Paz, "a experiência poética, como a experiência religiosa, é um salto mortal: um mudar de natureza que é também um regressar à nossa natureza original. Encoberto pela vida profana ou prosaica, nosso ser de repente se recorda de sua identidade perdida; e então aparece, emerge esse 'outro' que somos. Poesia e religião são revelação".⁷

É justamente esta a idéia que subjaz em muitos poemas de Adélia; são momentos de autêntica epifania, de revelação do sagrado que existe em todas as coisas, como nestes versos de "O servo".

Com incompreensível alegria, como um fardo,
carrego a consciência de um dom
que põe negrinhos e pessoas pálidas
ornados e cintilantes.
Poesia sois vós, ó Deus.
Eu busco Vos servir.
(em *Terra de Santa Cruz*)⁸

Por isso mesmo, um número significativo de poemas dispersos ao longo dos quatro livros, são verdadeiras preces onde a poeta manifesta o seu espírito simples e profundamente cristão, prostrando-se humildemente diante de Deus, seu Pai, seu Criador, seu Senhor supremo, ora para exaltar e proclamar a Sua grandeza e perfeição, ora para implorar ajuda e conforto, ora para manifestar temor e culpa pelos erros cometidos:

Deus, tem compaixão desta cidade
e de mim que andei em suas ruas
secretamente dizendo-me:
sou o poeta deste povo.
("A porta estreita", em *Terra de Santa Cruz*)⁹

Em toda a poesia de Adélia Prado se respira esta atmosfera mística que começa pelo próprio conceito do fazer poético, já que o ato de criar é uma manifestação do divino, e se estende pela linguagem dos poemas, recriação de uma fala decalcada no discurso litúrgico em suas diferentes manifestações: salmos, hinos, orações, súplicas, exortações, etc., e também nos detalhes dos títulos, subtítulos e epígrafes, quase sempre retirados da Bíblia ou da simbologia religiosa. *O pelicano*, por exemplo, nome da sua mais recente publicação, editada em 1987 é considerado um dos símbolos do Cristo, dentro da iconografia cristã.

Esta utilização sistemática de um discurso alheio (no caso, o religioso) na criação de um novo discurso (a elocução poética de Adélia), configura um dos fenômenos da fala artística analisados por Mikhail Bakhtin em *Problemas*

⁷PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. p.160.

⁸Op. cit. p.81.

⁹Id. Ibid. p.83.

da *Poética de Dostoiévski*, que é a estilização. Para o teórico russo, o processo prevê a reprodução de procedimentos estilísticos reconhecidamente pertencentes à fala de um outro. Na estilização, "o autor inclui no seu plano o discurso do outro no sentido de suas próprias intenções".¹⁰ Conseqüentemente, e ainda seguindo o pensamento de Bakhtin, as palavras do outro, introduzidas em uma nova fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da compreensão e da avaliação daquele que as utiliza, segundo a orientação ou a intenção que deseja imprimir ao seu texto. De qualquer forma, estas palavras, inicialmente alheias, tornam-se, no novo discurso, bivocais: guardam algo de sua voz original, mas assumem um caráter inovador, em face da inserção num contexto diferenciado. Na verdade, "o autor emprega as palavras propriamente ditas de um outro para expressar as suas próprias idéias".¹¹

No caso da linguagem poética de Adélia, a estilização do discurso religioso faz-se pela apropriação de fórmulas verbais comuns aos rituais litúrgicos, como também pelas freqüentes alusões ao nome de Deus, ao Cristo e ao Espírito Santo e a inúmeros outros recursos de linguagem usados no discurso místico, repetidos quase obsessivamente ao longo dos poemas. Estes elementos evidenciam de imediato a fala original, o discurso-matriz, porém, na passagem ao discurso criado, sofrem um processo de transformação, devido à intenção que subjaz ao ato de criar: na poesia de Adélia, o sagrado místico transforma-se no sagrado humano. Explicando melhor: um dos traços característicos do discurso religioso é o seu caráter simbólico, metafórico e alegórico. Tomando como exemplo o "Cântico dos cânticos" (um dos textos estilizados nos poemas), observa-se que a primeira instância da sua leitura remete a toda uma atmosfera de sensualidade, de amor carnal entre um homem e uma mulher; porém, é na sua instância alegórica e simbólica que o texto adquire o valor sagrado (o esposo é Cristo, a esposa é a Igreja); é esta segunda leitura que lhe imprime sacralidade e lhe permite a inclusão na Bíblia. Além disso, no texto sagrado, a linguagem encomiástica e laudatória, exaltando a grandeza do Senhor, sugere que o ideal é almejar a perfeição divina e desprezar o profano e tudo aquilo ligado à concretude da matéria, conseqüentemente, é desprezar as necessidades humanas.

No texto de Adélia, a sacralidade está na primeira instância da leitura, está no sentido imediato a que as palavras remetem e, ao contrário do texto religioso, a linguagem litúrgica diviniza o profano, o material, os atos essenciais da natureza humana como o comer, o dormir, o desejo sexual, as necessidades fisiológicas, os pequenos acontecimentos da vida comum. Isto tudo é que mostra a presença de Deus no homem e, neste sentido, a poesia de Adélia é a revelação do sagrado. É como se, na sua poesia, desaparecesse a separação entre o sagrado e o profano; o divino não é mais o que está distante e inatingível, mas o que está próximo, palpável com todos os sentidos humanos; nela, tudo é sacralizado.

A estilização do texto religioso, portanto, opera um distanciamento do texto original e, ao romper com um conceito de sagrado estabelecido, bus-

ca a criação de uma linguagem mais espontânea e libertária, sem os preconceitos nem as coerções do primeiro. Todos os traços característicos da obra da poeta mineira analisados até aqui convergem para este ideal de naturalidade e espontaneidade pretendido, além de confirmarem, igualmente, a modernidade de seus versos, uma vez que, no seu esforço de produzir uma linguagem liberta e natural, aproxima-se das experiências poéticas de vanguarda em que predominam o onírico, o irracional e o fragmentário.

Por outro lado, retomando a questão apontada por Bakhtin sobre o caráter bivocal do discurso estilizado, observamos que os aspectos analisados acima evidenciam uma de suas vozes: ao processar os elementos da fala original, a poeta transforma-os, ao empregá-los com uma nova intenção e ao atribuir-lhes um outro sentido. Enquanto isso, algo da voz original permanece inalterado, como traço residual muito forte do texto-matriz: trata-se da postura assumida pelo emissor da mensagem — de submissão, obediência, resignação e humildade. Na poesia de Adélia, Deus é o Pai supremo, dono da Palavra e da Lei, perante o qual o "eu poético" incessantemente se prostra e se submete, reconhecendo sua pequenez e insignificância perante o Criador, como nos versos:

É bom pedir socorro ao Senhor Deus dos Exércitos

...

pra que aprendamos a ter confiança n'Ele
e não em nós.¹²

(*Terra de Santa Cruz*)

Tem piedade de mim
tem piedade de mim
pelo sinal da Vossa Cruz
que faço na testa, na boca, no coração.¹³

(*Bagagem*)

A humilhação me prostra,
meia-noite, meio da vida a pino,
a cova, a mãe, o grande escuro e Deus"¹⁴

(*O pelicano*)

A persistência desta atitude no discurso estilizado tem um significado importante no conjunto da obra, pois entra em choque e compromete a autenticidade feminina da palavra de Adélia e relativiza o caráter libertário pretendido. A fala mostra-se ambígua pois, de um lado, revela o lado feminino reprimido pela sociedade patriarcal e rompe com o modelo de linguagem adotado por este mesmo sistema (a ordem simbólica de Lacan, que prevê o racional, o lógico), e, de outro, continua manifestando a condição de submissão e dependência imposta por esta sociedade à mulher ao longo dos séculos.

Esta coexistência do duplo no interior do mesmo discurso, no entanto, longe de desvirtuar ou empobrecer a obra, enriquece-a literariamente, ao desvelar, no âmago da própria estrutura do texto poético, a ambigüidade inerente à condição feminina atual: o dilema entre uma identidade imposta

¹⁰BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981. p.167.

¹¹Ibid. p.169.

¹²Op. cit. p.92.

¹³Op. cit. p.59.

¹⁴Op. cit. p.39.

secularmente e aquela almejada, capaz de manifestar a autêntica natureza da mulher.

Se considerarmos que a palavra poética, na sua generalidade, é essencialmente ambígua, podemos concluir reafirmando a idéia inicial deste estudo e que expressa a síntese e a substância de sua criação: a obra de Adélia Prado é a expressão da mais pura e verdadeira poesia.